

## **“Kingship and the gods”: A fenomenologia e a ideologia real egípcia antiga**

*André Luís Silva Effgen*

Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: andre.effgen@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Antigo Egito. Fenomenologia. Historiografia.

Este trabalho é uma tentativa inicial de abordagem em um campo ainda pouco explorado da egiptologia, a sua historiografia. Foi escolhido como objeto de análise o livro *Kingship and the Gods*, que tem como autor Henri Frankfort, por se tratar, à época em que foi publicado (1948)<sup>1</sup>, de uma obra de fundamental importância e relevância acerca dos conceitos sobre antiga realeza egípcia e seu imbricamento na sociedade, inovando antigas concepções sobre a temática. O livro é considerado um clássico na produção específica como atesta John Baines (2002, p. 153). Pretende-se, portanto, analisar, em um primeiro momento, os aspectos metodológicos apresentados por Frankfort (1983) e, posteriormente, uma crítica escrita por Moses Finley (1948), no início de sua carreira acadêmica, à abordagem fenomenológica do autor, utilizando o arcabouço teórico da Escola de Frankfurt.

Nascido em Amsterdã, Holanda em 1897, Henri Hans Frankfort foi um dos orientalistas mais preeminentes do seu tempo, foi diretor das escavações da Egypt Exploration Society (EES) de Londres em Tell' El' Amarna, Abydos e Armant; dirigiu explorações do Oriental Institute (OI) de Chicago no Iraque e foi diretor do Walburg Institute de Londres. Durante sua trajetória acadêmica produziu 15 livros e monografias e cerca de 73 artigos, todos tratando do Antigo Egito, arqueologia, antropologia cultural e especialmente sobre os sistemas religiosos do Antigo Oriente Próximo.

Em 1948, publicou *Kingship and the Gods*, precedido pela coletânea *The intellectual adventure of Ancient Man*<sup>2</sup> (1946), onde junto à sua primeira esposa, a filósofa Henriette Jettie Frankfort, na introdução e conclusão, prenunciou os conceitos que viriam a ser trabalhados no livro posterior.

---

<sup>1</sup> A edição do livro utilizada para pesquisa foi: FRANKFORT, H. *Reyes y Dioses*. Madrid: Alianza, 1983.

<sup>2</sup> A coletânea resultou de uma série de conferências apresentadas por Frankfort e demais autores na Universidade de Chicago.

## ***Kingship and the gods: Apontamentos metodológicos***

No prefácio da obra, Frankfort (1983) define claramente o referencial teórico-metodológico que utilizou em sua abordagem. O autor defende um tratamento a – histórico, que assim o é por desconsiderar algumas verdades históricas, e não por viola-las. Justifica tal tratamento considerando que para tal temática não poderia seguir a cronologia, começando com as formas mais tênues da instituição da realeza no Antigo Oriente Próximo e descrever suas sucessivas mudanças, pois em sua concepção, se assim o fizesse, estaria se ocupando de modificações insignificantes de uma ideia básica (FRANKFORT, 1983, p. 9-10).

A obra possui uma abordagem fenomenológica “pois é um estudo sistemático do que aparece” (FRANKFORT, 1983, p. 10). Partindo disso expõe as desvantagens que tal metodologia apresenta: 1) A coerência do pensamento dos antigos, por meio de tal abordagem, se deixa sentir de modo inquietante; 2) Em cada enfoque, viu-se obrigado, ao se defrontar com diferentes fenômenos, a seguir diferentes caminhos para o seu entendimento pleno (FRANKFORT, 1983, p. 10). Mesmo assim o autor defende que somente este método poderia ser eficaz, até aquele momento, para os muitos aspectos das concepções antigas. Em sua visão esta seria a única forma de tentar penetrar na lógica do pensamento dos antigos.

### **A ideologia real egípcia segundo Frankfort**

De acordo com Henri Frankfort (1983), a realeza no Antigo Oriente Próximo era a base da civilização, pois segundo autor, somente os selvagens poderiam viver sem um rei, visto que a segurança, a paz e a justiça não poderiam prevalecer sem um governante que as defende-se (FRANKFORT, 1983, p. 27), daí a importância do conceito - deusa Maat, no caso do Egito faraônico. Diante de tais considerações, os antigos não enxergavam a realeza como uma instituição política meramente humana, pois:

Os antigos, (...), experimentavam a vida humana como parte de uma ampla rede de conexões que penetrava além das comunidades locais e nacionais até as profundezas ocultas da natureza e dos poderes que governam a natureza (FRANKFORT, 1983, p. 27).

No antigo Egito, segundo Frankfort (1983), os festivais ajudavam a reafirmar o *status quo*, pois o universo, em sua visão, era considerado como estático e se mantinha graças a uma

ordem cósmica estabelecida uma vez e para sempre na criação, levando a religião a centrar-se torno do problema da sustentação desta ordem (FRANKFORT, 1983, p. 27-29).

O faraó não era um mero mortal, era um deus. E este era o conceito fundamental da realeza egípcia...

É errôneo falar de uma divinização do faraó, visto que não se proclamava sua divindade em um momento determinado, comparando-se com a *consecratio* do imperador falecido pelo senado romano; sua coroação não era uma apoteose, mas sim uma epifania (FRANKFORT, 1983, p. 29).

Para os egípcios antigos, na concepção de Frankfort (1983), não havia o medo diante do universo, seu rei era um deus que sacrificou sua liberdade para manter uma integração imutável entre sociedade e natureza.

Por um processo que é comum na arte primitiva existe uma gradação nas escalas de acordo com a importância das pessoas: O rei é a figura dominante. Esta “escala hierárquica” não tem nada haver com o método sem perspectiva da arte pré-grega, mas sim com a atitude emocional diante da figura do rei (FRANKFORT, 1983, p. 31).

Estas concepções inauguram o que Claude Traunecker (1995, p. 23) chama de a “Escola moderna” no campo da egiptologia e influenciou todas as gerações de egiptólogos do final dos anos de 1940 até a atualidade. Mas o revolucionário trabalho de Frankfort não foi aceito em sua plenitude nos meios acadêmicos. Elogiado em seus pontos fortes, foi também duramente criticado, inclusive por um historiador que viria a se tornar um dos maiores helenistas de todo o mundo, Moses Finley.

### **Moses Finley e a crítica a *Kingship and the gods***

Moses Finley, na fase inicial de sua carreira, escreveu várias resenhas sobre livros que foram publicados por seus colegas. Nestas resenhas encontra-se a influência dos intelectuais exilados alemães que constituíram a famosa “Escola de Frankfurt”, visto que, a partir de 1934, Finley, se envolveu com o *Institut für Sozialforschung* (Instituto de Pesquisas Sociais), instalado na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, *locus* institucional da “Escola de Frankfurt” (CARVALHO, 2009, p. 114-115). Dentre estas resenhas, a que interessa a este trabalho foi publicada na *Political Science Quarterly*, em 1948, sobre o livro *Kingship and the gods: A study of Aciént Near Eastern*.

Finley (1948, p. 275) constata em sua resenha que não há uma discussão da realeza como uma instituição política, de administração, poderes, prerrogativas reais, leis e disputas por poder ou coisas parecidas.

Finley (1948) nos faz perceber com mais evidência sua grande aproximação com a “Escola de Frankfurt”, que defendia o materialismo dialético, ao criticar a filosofia idealista e positivista (CARVAHO, 2009, p. 121), presente na fenomenologia de Frankfort.

Na resenha, o autor afirma que, em sua maioria, a documentação escrita produzida no antigo Egito é originária das classes sacerdotais e dos escribas, grupos vinculados à realeza, que a produzia no intuito de conservar uma ordem estabelecida na sociedade. “Mas tem ele (Frankfort) o direito de aceitar esta ideologia como o retrato verdadeiro da teologia egípcia e da teoria política?” (FINLEY, 1948, p. 276).

Moses Finley (1948) prossegue comentando a rejeição, em *Kingship and the gods*, à ideia de que a crença é um produto de variados desenvolvimentos seculares, negando assim as contradições e classificando-as apenas como aparentes.

Por procurar somente “o que aparece” – , nós podemos acrescentar, pelo exercício de persistência e ingenuidade notáveis – Frankfort toma uma inconsistência aparente depois de outra e converte isto em exatamente um aspecto a mais de uma simples doutrina unificada. Por enfatizar a ideia que tais “verdades”... são sentidas ao invés de conhecidas , ele bloqueia a crítica e mesmo o desacordo, com antecedência (FINLEY, 1948, p. 276).

Existe na resenha até a suposição de que Henri Frankfort teria desprezado uma série de documentos para fomentar a manutenção do seu “quadro estático”, e diz isso antes de duramente criticar a falta de cronologia no trabalho... “Ele salta à vontade sobre 3000 anos de história com sua justificativa, o axioma de uma cultura estática” (FINLEY, 1948, p. 277).

Por fim, o helenista, afirma que o principal erro do Orientalista consiste no conceito de conjunto integrado, fazendo entender que a realeza no Antigo Oriente Próximo foi o coração das civilizações.

## **Conclusão**

É inegável a importância de Henri Frankfort (1983) dentro da egiptologia, marcada a ferro com o livro *Kingship and the gods*:

Henri Frankfort descartou o dilema poli/monoteísmo e rejeitou qualquer julgamento de valor. Intentou penetrar na lógica dos antigos e introduziu as noções de deuses-forças, teologia descritiva do universo, de diversidade de abordagens, e pontos de emergência múltiplos (TRAUNECKER, 1995, p. 23).

Entretanto como salienta Finley (1948), em sua resenha, é necessário tomar alguns cuidados em relação aos aspectos citados, visto que comprometem a obra em diversos aspectos, principalmente, de acordo com Finley, na falta de um debate contextualizado com o presente. Tal tipo de crítica é orientado pelo caráter da produção historiográfica de Finley, que no contexto da produção de seus trabalhos se voltava contra uma produção historiográfica do mundo antigo, extremamente descritiva e reacionária, desconectada dos trabalhos de História Social.

## Referências

BAINES, John. Sociedade, Moralidade e Práticas religiosas. In: SHAFER, B. (Org.). *As religiões no Egito Antigo – deuses, mitos e rituais domésticos*. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

CARVALHO, Alexandre G. Moses Finley e a Escola de Frankfurt. *Phoênix*, Rio de Janeiro, Ano 15, v. 15, n. 2, p. 114-130, 2009.

FINLEY, M. H. Frankfort, 'Kingship and the gods'. *Political Science Quartely*, New York, v. 63, p. 275-281, 1948.

FRANKFORT, H. et al. *The Intellectual Adventure of Ancient Man: An Essay on Speculative Thought in the Ancient Near East*. Chicago: University of Chicago Press, 1946.

\_\_\_\_\_. *Kingship and the Gods: A Study of Ancient Near Eastern Religion*. Chicago: University of Chicago Press, 1948.

\_\_\_\_\_. *Reyes y Dioses: Estudio de la religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en tanto que integración de la sociedad y la naturaliza*. Madrid: Alianza, 1983.

TRAUNECKER, C. *Os deuses do Egito*. Tradução de Emanuel Araújo. Brasília, DF: Editora da UNB, 1995.